

**OSCAR PISTÓRIUS, UM DEFICIENTE EFICIENTE?
CONSIDERAÇÕES SOBRE A SEGREGAÇÃO/INCLUSÃO NO
PARADESPORTO: UM OLHAR A PARTIR DA MÍDIA**

**OSCAR PISTÓRIUS, AN EFFICIENT HANDICAPPED?
CONSIDERATIONS ON THE SEGREGATION / INCLUSION IN
PARASPORTS: A VIEW FROM THE MEDIA**

ZOBOLI, Fabio

Universidade Federal de Sergipe

zobolito@gmail.com

QUARANTA, André Marsiglia

Secretaria de Educação do Estado de Sergipe

andrequaranta@gmail.com

MEZZAROBA, Cristiano

Universidade Federal de Sergipe

cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

RESUMO Neste texto, abordamos as questões pertinentes à inclusão e segregação que puderam ser observadas ao se fazer o acompanhamento de um veículo midiático em relação a Oscar Pistórius, atleta sul-africano, e toda polêmica que o envolveu quando do Mundial de Atletismo/2011 realizado na Coreia do Sul, entre 27 de agosto a 04 de setembro. Analisamos o Portal *Globo.com*, acompanhando as notícias sobre a participação de Pistórius no período de um mês. Foram 24 notícias relacionadas, sendo analisadas 23 delas a partir da hermenêutica de profundidade. Percebemos a existência de um agendamento em relação ao referido atleta, pelo seu ineditismo e polêmica envolvida, ou seja, ser o primeiro atleta biamputado a competir em eventos competitivos para atletas sem deficiência – embora o foco tenha sido simplista, sem aprofundar tal questão. A partir do que foi investigado, visualizam-se as tensões geradas entre as questões de segregação e inclusão, pelas oposições entre “normal” versus “deficiente”, entre “homem” versus “máquina”. Esta última – *mistura homem x máquina* – é constatada tanto nos fragmentos de textos das reportagens analisadas como também no material fotográfico que acompanha as notícias. Outra consideração que pode ser feita sobre a pesquisa realizada é sobre uma possível *redefinição do conceito de conquistas atléticas*, já que Pistórius, com seu ineditismo e sua polêmica, quebra paradigmas nesse

processo de segregação/inclusão e coloca em xeque a natureza humana com o uso de suas próteses mecânicas.

Palavras-chave: Inclusão/segregação. Mídia. Esporte. Oscar Pistórius.

ABSTRACT: In this paper, we address the issues relevant to the inclusion and segregation which could be observed when monitoring the media in relation to Oscar Pistorius, a South African athlete and all the controversy that surrounded the World Athletics Championships/2011 when performed in South Korea, from August 27th to September 4th. We analyzed the site Globo.com watching the news about the participation of Pistorius in a period of a month. There were 24 related news, when 23 of which were analyzed from the depth hermeneutics views. We perceived the existence of a schedule for the athlete for his case of originality and controversy, that is, for being the first bi-amputee athlete to compete in events with athletes without disabilities - Although, the focus has been simplistic without deepen the matter. From what has been investigated is visualized the tensions between the issues of inclusion and segregation, the opposition between "normal" versus "handicapped", and, between "man" versus "machine". The latter, "man" versus "machine." - is found in both fragments of texts reports analyzed and also in the photographic news material. Another consideration that can be made on the research is about a possible redefinition of athletic achievements, since Pistorius, with his originality and his polemic, breaks paradigms in that segregation/inclusion process and raises questions about human nature with the use of his prostheses.

Key words: Inclusion/segregation. Media. Sport. Oscar Pistorius.

1. INTRODUÇÃO

O corredor sul africano Oscar Pistórius ficou conhecido como “Blade Runner” – Corredor Lâmina –, por não ter as duas pernas e utilizar próteses finas feitas de fibras de carbono para correr. Pistórius foi o primeiro corredor paraolímpico na história do atletismo a competir igualmente com corredores ditos “normais” em nível mundial.

Este feito ocorreu em 2011 quando este paratleta conseguiu participar de um evento mundial de atletismo com atletas não deficientes. Foi no Campeonato Mundial de Atletismo realizado em Daegu, na Coreia do Sul, sob organização da Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF) e da Associação Sul-Coreana de Federações de Atletismo. As competições ocorreram no Daegu Stadium entre 27 de agosto e 4 de setembro de 2011. Esse acontecimento marcou a história do atletismo. Enquanto muitos elogiam a participação dele no Mundial, outros criticam e acabam gerando uma polêmica em cima da sua classificação para tal campeonato devido às suas próteses, que, como veremos, está sob discussão na medida em que estudos apontam

que as mesmas dariam uma suposta vantagem a ele sobre os demais corredores.

A escolha de Oscar Pistórius para mediar as interlocuções midiáticas que faremos nesse texto se deve ao fato do atleta polemizar duas questões basilares no contexto das pesquisas em Educação Física: 1) o contexto limítrofe da segregação/inclusão da pessoa com deficiência no âmbito das competições esportivas; 2) a transformação ontológica do humano que se coloca em jogo com a ruptura do limiar entre o natural e o artificial, que faz com que Pistórius seja considerado uma “quase máquina” com signos de não pertencimento no âmbito esportivo para além de seu lugar no paradesporto.

Neste sentido o presente texto pretende investigar os modos como a mídia, aqui circunscrita à esfera digital, através de alguns portais de notícias brasileiros (Portal *Terra*, Portal *UOL*, *R7* – Rede Record e *Globo.com* – Globo) trouxeram informações e tematizaram as questões concernentes à participação de Oscar Pistórius no Mundial de Atletismo de 2011 na Correia do Sul.

Metodologicamente, tal investigação se caracteriza como um estudo de abordagem qualitativa, pois procura trabalhar com os “achados” da pesquisa em sua articulação com o “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2010, p.21). Em relação ao tipo de estudo, trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória (TRIVIÑOS, 2010), pelo desejo em trazer à tona fatos da realidade sem a pretensão de cientificização ou “busca de uma verdade” (ou comprovação), e sim a descrição e suas características daquilo que pode ser evidenciada no que foi veiculado sobre Oscar Pistórius e sua deficiência/excepcionalidade, ampliando nosso olhar em torno de tal problemática.

Poderíamos classificar, ainda, que este estudo, a partir do que vem sendo pesquisado e difundido em âmbito nacional em relação a estudos midiáticos, trata-se de uma *análise de produto midiático*, ou seja, os veículos midiáticos (televisão, internet, jornais impressos e online, revistas impressas e online, bem como portais de informação – como as que citamos acima –, entre outros) nos trazem, cotidianamente, uma produção em massa de materiais sobre as diversas dimensões do próprio humano (política, sociedade, entretenimento, esporte, economia, meio ambiente, cultura, lazer etc.) e com isso, podemos apurar nosso olhar ao que é produzido e veiculado pela mídia, a

partir de diversos recursos metodológicos ou de técnicas de análises de dados, desde abordagens mais positivistas ou quantitativas, até abordagens mais fenomenológicas ou mesmo estruturalistas, de cunho qualitativo.

Como o Campeonato Mundial ocorreu entre 27 de agosto a 04 de setembro de 2011, resolvemos coletar dados no período de um mês, ou seja, iniciamos dia 15 de agosto (12 dias antes) e finalizamos a coleta no dia 15 de setembro (11 dias depois). Assim, num primeiro momento, no período de um mês, coletamos informações referentes a *Oscar Pistórius* em quatro grandes portais de informação brasileiro (*Terra*, *UOL*, *R7* e *Globo.com*). Selecionamos o portal *Globo.com* por ser aquele veículo midiático que mais trouxe informações sobre Oscar Pistórius, um total de 24 (vinte e quatro) ocorrências, conforme podemos visualizar no Quadro 01 que segue.

Quadro 01: Ocorrências encontradas sobre Oscar Pistórius nos portais

Veículo	Globo.com	Portal Terra	R7 (Record)	UOL
Quantidade	24	19	18	12

Não é nosso propósito sobrevalorizarmos os dados quantitativos, mas a partir de uma primeira análise, poderíamos dizer que a participação deste atleta – primeiro por não ser um atleta brasileiro e segundo por ser um atleta “deficiente” numa competição para “superatletas”, ditos pelo senso comum como “normais” – no que foi noticiado é algo que chama a atenção, pois foram 73 menções jornalísticas à ele.

Com os dados já coletados, utilizamos a *hermenêutica de profundidade*¹ (THOMPSON, 1995 *apud* TEIXEIRA, 2008) para tratá-los, objetivando explorar seus sentidos e significados, tanto pelo que está nos textos escritos ou mesmo nas imagens divulgadas pelo portal pesquisado, isto é, como ocorreu a produção de sentido em relação ao atleta Pistórius.

¹ Segundo Thompson (1995), para se conseguir fazer esse “desvelamento” do que é produzido pela mídia, a partir da *hermenêutica de profundidade*, duas fases são essenciais. A primeira, compreender como as notícias são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sociais e históricas específicas. A segunda fase consiste na questão formal ou discursiva da hermenêutica de profundidade, ou seja, entender que os objetos e expressões que circulam nos campos sociais são, também, construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada, elas “dizem a respeito de alguma coisa”, seja por imagens, seja por textos.

Na sequência do texto, então, inicialmente tratamos do sujeito *Oscar Pistórius*, tido como “corredor lâmina”; abordamos a questão do *Paradesporto* – é um evento de inclusão ou de segregação? Veremos, a partir dos dados encontrados no portal de notícias investigado, as tensas interfaces entre esses dois pólos. Além disso, continuamos as problematizações abordando as discussões da fusão do homem com a máquina, a partir do que é visto em *Pistórius*.

2. OSCAR PISTÓRIUS: CORREDOR LÂMINA

Pistórius nasceu na África do Sul em novembro de 1986 e ficou deficiente aos 11 meses de idade, quando teve suas pernas amputadas na altura do joelho. A amputação se deu devido a um problema detectado pelos médicos no ato de seu nascimento: Oscar Pistórius não tinha a fíbula (perônio), ou seja, ele não tinha um dos ossos do corpo que dá suporte aos músculos da perna. Por tal motivo foi necessário fazer a amputação de ambas as pernas de Oscar.

Antes de chegar ao atletismo, Pistórius praticou outras modalidades esportivas: tênis, rúgbi e lutas olímpicas. Porém, foi no atletismo onde ele se encontrou e se firmou como atleta paraolímpico. No decorrer de suas participações em competições de atletismo para pessoas deficientes, ele ficou conhecido com o atleta paraolímpico mais rápido do mundo. Mas desde que Pistórius começou no atletismo, ele tinha o desejo de competir juntamente com atletas que não fossem deficientes.

Sua trajetória como atleta paraolímpico foi e continua marcada por muitos recordes, vitórias e medalhas. Ele conquistou quatro medalhas de ouro nos Jogos Paraolímpicos, sendo três delas nas Paraolimpíadas de Pequim em 2008. Ele também é recordista mundial nos 100, 200 e 400 metros rasos na classe T44².

Devido ao seu desejo de participar de uma competição com pessoas não deficientes, ele tentou classificação para competir nas Olimpíadas de

² Utiliza essa expressão T44 para identificar a classe referente a cada deficiência. O *T* (*tranck*) = Pista, ou seja, ele corre em pista e a numeração 44 é pra indicar o grau de comprimento motor do atleta.

Pequim em 2008, mas foi vetado pela IAAF (Associação Internacional das Federações de Atletismo), que se colocou contra a participação dele nos Jogos, devido as suas próteses de fibras de carbonos. Segundo a IAAF o uso dessas próteses daria vantagens a Pistórius sobre os demais competidores, ou seja, alegaram que seria desigual competir com ele com essas próteses. Depois desse fato Pistórius ficou conhecido mundialmente.

A partir desse episódio Oscar Pistórius travou uma grande batalha para conseguir a aprovação da IAAF para competir junto com atletas sem deficiência em eventos mundiais. Segundo Pistórius, suas próteses não interferem em nada, não dão vantagens, mas suas vitórias seriam fruto do seu trabalho, de seus treinos, como qualquer outro atleta.

Como a IAAF não conseguiu provar cientificamente que as próteses de Pistórius lhe conferiam vantagem, a Corte Arbitral do Esporte (CAS) anulou o veto da IAAF e deu razão a Pistórius. Com muita insistência e dedicação ele conseguiu a permissão para competir com pessoas sem deficiência. E o Campeonato Mundial de Atletismo realizado em Daegu em 2011 foi o palco de onde se viu Pistórius quebrar com o tabu da segregação de eventos desportivos “deficientes X normais”. O princípio da inclusão foi celebrado e a contemplação máxima do respeito ao diferente e às diferenças foi suspenso. No entanto, Pistórius também coloca em xeque as fronteiras do humano na medida em que faz uso de próteses de fibra de carbono para correr, o que para muitos é visto como *doping* tecnológico.

No ano de 2012 Pistórius mais uma vez faz história ao participar dos Jogos Olímpicos de Londres competindo entre os “normais” junto à equipe sul-africana de atletismo. Alguns dias depois de participar dos Jogos Olímpicos, agora competindo nas Paraolimpíadas/2012, realizada também em Londres, Oscar Pistórius é superado na prova de 200 metros para biamputados pelo brasileiro Alan Oliveira. Sua mítica e simpatia são postas em questão quando Pistórius, numa atitude deselegante, não aceita a derrota para o brasileiro e exige análise das próteses de Alan alegando que elas eram longas demais, o que lhe conferiria uma vantagem em relação aos seus oponentes.

Aqui vale mencionar que já em 2007 Pistórius competia provas de atletismo de cunho regional em seu país junto a atletas “normais”. Porém, isso não repercutia no âmbito internacional, logo, não se tinha a visibilidade que

hoje temos das questões que mediavam os jogos tensivos da inclusão/segregação. Por isso o Mundial de Atletismo de 2011, em Daegu, e a Olimpíada de 2012, em Londres, são considerados na história do esporte como sendo os momentos em que um deficiente rompe com a lógica da segregação para competir com os “mais normais”, ou, “menos diferentes”.

3. PARADESPORTO: INCLUSÃO OU SEGREGAÇÃO?

O contexto histórico da pessoa deficiente foi mediado por várias fases que giraram em torno de signos que faziam sentido para cada período/época dentro de cada grupo. Desde princípios que norteavam a eliminação do deficiente do contexto social – exclusão material ou simbólica – até as fases posteriores de segregação, integração, adaptação rumo à tão sonhada inclusão foram e ainda são caminhos que a humanidade dá a passos lentos. A cultura inclusiva pautada no acolhimento e no respeito ao diferente e à diferença ainda se mostra em fase de construção.

Seja no ambiente de trabalho, na educação, no transporte público, no direito ao lazer, nas políticas de acessibilidade, nos esportes, todas estas dimensões sociais passam por momentos de aculturação na medida em que algumas leis se colocam “forçosamente” em prática; também, na medida em que várias práxis que norteiam o âmbito social, no que tange às pessoas deficientes, vão sensibilizando as pessoas a perceberem novos mundos, novas metáforas para o existir humano onde caiba o diferente.

No contexto esportivo, que neste texto suspendemos para análise, vale mencionar que o esporte para os deficientes surge em 1948 na Inglaterra com os Jogos de Stoke Mandeville. Ludwig Guttmann foi o desbravador da reabilitação pelo esporte junto a pessoas deficientes.

A história do desporto para pessoas portadoras de necessidades especiais começou na cidade de Aylebury, Inglaterra. A pedido do governo britânico, o neurologista Ludwig Guttmann criou o Centro Nacional de Lesionados Medulares do Hospital de Stoke Mandeville, destinados a tratar homens e mulheres do exército inglês feridos na Segunda Guerra Mundial. (COSTA e SOUSA, 2004, p. 30).

Já as Paraolimpíadas – evento maior no que tange ao desporto para pessoas deficientes – tiveram seu início em 1960 em Roma e são realizadas até hoje, de quatro em quatro anos, fazendo uso das mesmas sedes onde são feitas as Olimpíadas, ou seja, são realizadas depois dos Jogos Olímpicos nos mesmos países/cidades que sediam as Olimpíadas, fazendo uso das mesmas estruturas/ambientes de competição – porém, com as devidas adaptações para melhor acessibilidade. No entanto, é importante ressaltar que os Jogos Paraolímpicos surgem dos Jogos de Stoke Mandeville:

O sonho olímpico de Guttmann viria a se concretizar em 1960, em Roma. Seu colega Antonio Maglio, diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia, na Itália, propôs que os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville se realizassem naquele ano na capital italiana, imediatamente após a XVI Olimpíada, e nas mesmas instalações, surgindo assim os Jogos Paraolímpicos, com a denominação de Olimpíadas dos Portadores de Deficiência. (COSTA e SOUSA, 2004, p. 31).

Permitir que os deficientes físicos, intelectuais e sensoriais se envolvam com atividades de cunho desportivo é a base fundante do discurso que a inclusão fomenta para justificar a importância social – e por consequência política – de tais Jogos. Ou então:

Provavelmente a indicação ao paradesporto está atrelada a sua repercussão social, como recurso capaz de amenizar o peso da deficiência, e dessa maneira livrá-los da imagem da invalidez. A carreira de paratleta é o modo encontrado para que o “defeito” físico/sensorial seja compensado. São compreensíveis assim as afirmações de que os paratletas aproveitaram a sua “segunda chance” – proporcionada pelo paradesporto – e obtiveram um “final feliz”. Um desfecho de suas vidas que, de modo paradoxal, possivelmente não seria possível se a tragédia não tivesse acontecido. (GONÇALVES, ALBINO e VAZ, 2009, p. 156).

Esta afirmação está intimamente ligada ao que Goffman (2008) sugere quando menciona que o deficiente/estigmatizado pode ver as privações que sofreu e as perdas que teve como uma benção secreta, especialmente devido à crença de que o sofrimento muito pode ensinar a uma pessoa sobre a vida e sobre as demais pessoas.

No entanto aqui podemos levantar algumas questões a fim de estabelecermos tensões ao que nos propomos tratar: a inclusão e a segregação. Em que medida o paradesporto é inclusivo se nele visualizamos

competições segregadas apenas a pessoas com deficiências? De igual forma, por que eventos como as Olimpíadas limitam os cegos, os amputados, os paralisados? Sob que tramas de pertencimento se encontram os eventos esportivos e paradesportivos? Em que grau suas políticas se assemelham e se contradizem? Não seria o paradesporto uma adaptação do desporto no que se refere aos valores do esporte: competição, logo, seleção e exclusão? Em que medida o paradesporto serve para promover um discurso moral pautado na superação e no sacrifício como compensação da deficiência? A legitimidade e o prestígio do paradesporto são assegurados por si mesmo ou estão atrelados ao esporte no seu modelo convencional?

A crença tanto dos atletas “deficientes” como de seus treinadores de que o sucesso no esporte minimiza o processo histórico de discriminação e leva ao reconhecimento social é um grande equívoco, porque se assim o fosse nossos medalhas de ouro paraolímpicos seriam ídolos nacionais ou garotos-propaganda de inúmeras empresas. Não recordamos de termos visto, ao longo dos últimos anos, medalhistas “deficientes” fazendo propaganda de tênis, camiseta ou bebidas energéticas, como ocorre com os atletas considerados “normais”, no máximo que a mídia nacional tem feito é utilizado os resultados tido pelos deficientes como exemplo de vida e dedicação. (CARMO, 2006, p.56).

Não estamos aqui afirmando que as pessoas deficientes não sabem fazer esporte, ou que deva ser negado a elas esse direito. Muito menos estamos querendo induzir que o esporte não atribui valores e melhora o contexto global da qualidade de vida destas pessoas. Para nós a prática da atividade esportiva para pessoas deficientes é tão importante como para as demais pessoas e são atravessadas pelos mesmos valores e princípios.

Porém, o que aqui acusamos é esse idílio fantasioso que é criado para justificar os jogos para esse público, esse ranço histórico de se falar de igualdade e de inclusão quando se tem como pano de fundo questões de cunho histórico permeado pelo estigma da exclusão e do desrespeito à condição de diferença. Já que a igualdade – no que tange à condição humana – é fantasiosa, que seja respeitada então a diferença, que se criem possibilidades para que o acolhimento e o respeito à diferença sejam contemplados.

Os valores da inclusão estão pautados no contexto do reconhecimento da diferença e no respeito à ela. Respeito este que só brota do conhecimento

das diferenças através do conviver – “viver-com” –, da abertura, da relação, do relacionar-se. A essência da inclusão:

reconhece em cada ser humano, em cada corpo humano, a singular diferença que não se repete no universo, logo reconhece a preciosidade de cada um e, por conhecer, acolhe, e por acolher, valoriza e, porque valoriza, compromete-se e, ao comprometer-se, afirma essa singular existência humana, esse corpo singular como potencialidade, infinita potencialidade. E porque comprometido, valoriza e porque valoriza, acolhe, e porque acolhe viabiliza, afirma, promove, respeita, encanta-se e encontra-se, misturam-se em afetos, sonhos, produções e ações coletivas a favor da vida, em sua multiplicidade e infinitas possibilidades que se metamorfoseiam e se transformam a cada instante. (TRINDADE, 2002, p.87).

Neste sentido, Oscar Pistórius assume centralidade, pois mesmo não tendo duas pernas como os ditos “normais” ele quer ser tratado como normal, até porque ser diferente é normal. Sua participação no contexto não segregado causa incômodo na medida em que são mediados discursos de que o atleta não seria suficientemente humano para competir com os “normais”, pois, suas próteses de fibra de carbono lhe atribuem vantagem.

É como nos menciona Goellner e Silva (2012, p.199) “com seu corpo eugenizado pela biotecnologia, que Pistórius assusta ao reivindicar o direito de competir junto aos obsoletos corpos, meramente humanos”. Andrade (2009) apresenta em seu texto uma fala proferida pelo diretor de desenvolvimento da Federação Internacional de Atletismo Elio Locatelli em relação ao caso Pistórius. Locatelli recomenda Oscar Pistórius a se concentrar nas Paraolimpíadas alegando em tom irônico que: “isso afeta a pureza do esporte. Em seguida virá outro aparelho com o qual as pessoas conseguem voar com algo preso nas costas”. Porém, essa fala foi menos virulenta que a outra também apresentada por Andrade (2009), proferida por Robert Galey da Faculdade de Medicina da Universidade de Miami: “Eles estão preocupados que não haja uma vantagem injusta? Ou estão discriminando devido à pureza das Olimpíadas, porque não querem ver um homem deficiente na mesma altura de um homem não deficiente, temendo o que significaria para a imagem do homem a vitória de uma pessoa que não possui um corpo perfeito?”.

A inclusão do diferente, que precisa ser, a nosso ver, um desafio constante no contexto esportivo, não se trata apenas de aceitar um diferente

em nosso meio. Esta, segundo Forest e Pearpoint (1997, p.138), é a menor parte do quebra-cabeça. Para estes autores:

inclusão trata, sim, de como nós lidamos com a diversidade, como lidamos com a diferença, como lidamos (ou como evitamos lidar) com a nossa moralidade (...) inclusão não quer absolutamente dizer que somos todos iguais. Inclusão celebra sim, nossa diversidade e diferença com respeito e gratidão. Quanto maior a nossa diversidade, mais rica é a nossa capacidade de criar novas formas de ver o mundo (...) inclusão é reconstruir nossos corações e nos dar as ferramentas que permitam a sobrevivência da humanidade como uma família global.

O que assemelha o esporte do paradesporto são os jogos de exclusão no que diz respeito à sobrevivência dos mais fortes e aptos, pois, apesar do paradesporto se apresentar para o deficiente, sempre vence o que entre os deficientes é o mais eficiente.

Assim como no esporte convencional, no paradesporto também é vitorioso somente o mais veloz, o mais forte, o mais ágil. A diferença é que velocidade, força e agilidade aparecem entre próteses, vendas nos olhos e outras adaptações estruturais. (GONÇALVES, ALBINO e VAZ, 2009, p. 161-162).

O esporte, especialmente o de alto rendimento, carrega consigo a característica da exclusão, fruto de um mecanismo competitivo que ressalta a vitória, deixando para trás inúmeros atletas com seus corpos “quase fortes”, “quase velozes”: seres à margem, distantes do ponto mais alto do pódio. (GOELLNER e SILVA, 2012, p.192-1993).

No entanto, o que se percebe no contexto do paradesporto é uma exacerbação em relação aos emblemáticos discursos do exemplo da superação, da “volta por cima”, da redenção. Um discurso mediado pela mítica do herói e que por vezes acaba sucumbindo o próprio desporto a um posto de inferioridade frente ao paradesporto. Gonçalves, Albino e Vaz (2009, p.157) retratam com muita propriedade tal situação.

As olimpíadas são inferiores às paraolimpíadas, uma vez que o esporte por si só não basta. É preciso que haja sofrimento, a perda, uma morte (neste caso de um membro do corpo ou da visão, por exemplo). Tais elementos enriquecem, ou ainda prevalecem sobre o espetáculo (parad)esportivo. Por outro lado, esse discurso sugere ser inferiores o sofrimento, a dedicação e a perseverança que, mesmo que não estando atrelados a uma amputação, circunscrevem o universo do esporte.

Além disso, o paradesporto parece ter uma dependência frente ao esporte na medida em que sua origem é o próprio desporto, ou seja, ele é adaptado. Desta forma “o paradesporto não tem o objetivo de romper com a estrutura desportiva, pelo contrário, quanto mais próxima, maior sua legitimidade” (GONÇALVES, ALBINO e VAZ, 2009, p.159). Prova disso é que todas as modalidades são adaptadas com exceção do *goalball*³ que é uma modalidade que se originou da própria cultura das manifestações corporais dos cegos.

Assim, adaptam-se regras, os modos de execução dos fundamentos e tudo mais a partir do que é hegemônico, desta forma tenta-se adequar o inadequado. De tal modo tudo fica parecido, tudo fica igual, com os mesmos valores, as mesmas crenças. Será que não dá para se criar formas esportivas diferentes para que seja contemplada a própria diferença humana?

Advogar a adaptação significa, em última análise, defender a hegemonia de um corpo de conhecimentos sobre o outro [...] Essa conduta serve muito mais para perpetuar os conhecimentos sobre os esportes e as mazelas daí decorrentes do que para explicitar o princípio da diferença e da desigualdade na tentativa de buscar novos conhecimentos buscando a superação deste quadro social segregado em que vivem os deficientes. (CARMO, 2006, p.55).

Acreditamos estar numa fase transitória do que se apresenta em termos de inclusão e paradesporto. Em breve, esperamos que seja comum o participar partilhado dessas práticas esportivas onde não haja barreiras de inserção, até porque acreditamos que a tecnologia vai cada vez mais potencializar o humano no sentido de deixá-lo menos a mercê de suas fragilidades oriundas de sua animalidade, de sua fraqueza e precariedade frente à vida. Ou seja, acreditamos que a translação a permear o contexto dos corpos cada vez mais estarão ligadas às metamorfoses biotecnológicas que visam sua potencialização nos mais diversos âmbitos/segmentos da vida. Porém, tal

³ O *goalball* é um jogo praticado por **atletas cegos** e tem como meta arremessar uma bola com guisos com as mãos no gol do adversário. Cada time joga com três jogadores e todos os atletas usam vendas nos olhos. A metragem da quadra é de 18m x 9m e as goleiras ficam ao fundo totalizando os 9m de fundo, sendo que as balizas medem 1,30m de altura. A bola deve ser lançada com as mãos pelo chão para que o som do guiso seja ouvido a fim dos atletas adversários poderem efetuar a defesa.

como a inclusão, é um modelo ainda a ser aculturado. Ambas precisam superar seus condicionantes históricos.

Como mencionamos acima, Oscar Pitórus, além de quebrar com os paradigmas do processo de segregação/inclusão, também colocou em xeque a natureza humana no sentido de metamorfosear seu corpo com a máquina – próteses. Os estigmas históricos de um corpo deficiente/aleijado somaram-se ao nascente estranhamento do homem que se funde com o silício e o carbono, ou seja, com a natureza híbrida oriunda da tecnologia.

O corpo desse atleta inquieta e desestabiliza representações, uma vez que avança pelos limites de sua reconstrução, enfrentando, a partir da intervenção tecnológica, as tensões de um campo de disputa entre natureza e técnica, do instrumental ao biológico e nos remete a tentar perceber a intencionalidade humana em apropriar-se da técnica, a fim de garantir a própria existência. (NOVAES, 2009, p. 165-66).

Por conta da tecnologia Pistórus teve seu “destino” modificado. De um corpo deficiente a tecnologia fez nascer um atleta que atinge marcas dignas de participação em competições em nível mundial com atletas considerados normais. Assim, o corpo do atleta Oscar Pistórus:

tornou-se alvo de investimento e, na articulação entre várias áreas do saber, deu origem a um ser híbrido de carne e fibras de carbono. Aos moldes da eugenia do século XIX, o atleta sul-africano jamais se tornaria um emblema de “homem puro-sangue”, sobretudo porque nasceu marcado por uma má-formação congênita. Entretanto, sob os imperativos da neoeugenia, sua mazela foi extirpada e sua “deficiência” suplantada pela tecnociência. Pistórus é o emblema da neoeugenia ao potencializar seu corpo para além de suas condições “puramente” humanas. (GOELLNER e SILVA, 2012, p.197-98).

Uma universidade alemã em 2007, a pedido da Federação Internacional de Atletismo, fez testes para verificar a vantagem que as próteses de Pistórus poderiam oferecer a este corredor. Constatou-se que Pistórus correndo numa mesma velocidade que um atleta normal tem um gasto energético reduzido em 25% por conta do peso das pernas em comparação com as próteses. Tal feito já o enquadraria num contexto de doping tecnológico, e é exatamente por conta disso a dificuldade de se estabelecer acordos no sentido de deixá-lo competir com atletas normais.

Por que um atleta que aos onze meses de vida fica impossibilitado de sequer manter-se em pé não pode se tornar um corredor de alto rendimento com o uso da tecnologia humana?

Nas práticas neoeugênicas da contemporaneidade, o corpo de Pistórius que, aos onze meses de idade, vislumbrava a quase imobilidade, potencializa-se, acopla dispositivos tecnológicos e emancipa-se para uma condição híbrida. Aos nossos olhos, é o emblema do processo da melhoria da espécie. (GOELLNER e SILVA, 2012, p.197-98).

O que é natural e o que é tecnológico? A tecnologia vem de onde?

Arriscamos afirmar que o esporte é mediado na sua totalidade pela tecnologia, ao mesmo tempo em que serve de laboratório para a mesma. Material esportivo (bolas, raquetes, pistas de atletismo, gramado de campos de futebol), vestimentas (camisas, calçados, maiôs, aparelhos de segurança), suplementação alimentar e fármacos (uso racional de anabólicos e hormônios, proteínas e carboidratos de alta absorção, repositores hidroeletrólíticos etc.). Não é mais possível parar a tecnologia e nem perceber os limites de onde começam o as máquinas e onde terminam os humanos.

Assim, pensar a relação entre o corpo e a máquina, entre sujeito e objeto, e buscar entender de que forma se estabelecem identidades e significados sociais e culturais, que não desfrutavam da visibilidade hegemônica, remete-nos a olhar para práticas e fenômenos sociais que, apesar de terem uma inegável dimensão cultural, parecem residir em uma zona de pouca visibilidade e aceitação. (NOVAES, 2009, p.166).

Esse movimento de resignificar acontecerá na medida em que as novas metáforas forem dando bases para que o híbrido não nos cause mais espanto e se naturalize – afinal ele é fruto do humano. Acreditamos que em breve esse estranhamento será exaurido e aos poucos se perderá na medida em que for não só algo subjetivado, mas também quando se tornar uma constante nas suas mais variadas manifestações e contextos.

Essa reinvenção, a criação de novas metáforas, o resignificar o corpo... Isso tudo é próprio/inerente da condição humana enquanto condição que só existe na e pela linguagem.

Podemos afirmar que só nós temos corpo, e este está na linguagem, no mundo (não é um “dado”). É possível assim termos vários corpos, e eles se constituem para nós em conquista, da mesma forma que o homem conquista o seu próprio ser. (FENSTERSEIFER, 2004, p.293).

Na sequência trazemos os dados coletados e analisados no Portal *Globo.com*, a fim de melhor visualizarmos o que vimos discutindo até então.

4. ESPORTE E DEFICIÊNCIA: AS TENSAS INTERFACES ENTRE SEGREGAÇÃO E INCLUSÃO

A partir de agora, trazemos para discussão os dados encontrados no *Portal Globo.com*, onde foram encontrados 24 (vinte e quatro) registros sobre Oscar Pistórius no período de 15 de agosto a 15 de setembro de 2011. Desse total de registros (24), utilizamos para nossa análise 23 (vinte e três) reportagens.

A única reportagem encontrada e não tratada aqui nesta pesquisa refere-se a uma chamada que não faz qualquer menção com texto ou foto, mas nos remete a um *link* contendo um vídeo⁴ sobre Pistórius.

Em relação às 23 reportagens escolhidas por fazerem menção específica a Oscar Pistórius e às questões da segregação/inclusão, verificamos que 06 (seis) ocorreram no que poderíamos chamar de *momento pré-evento*, 14 (quatorze) foram publicadas durante o mundial e 03 (três) no *momento pós-evento*.

Quanto às reportagens alusivas ao que denominamos de *momento pré-evento*, configurou-se, de certo modo, o que as pesquisas no campo da comunicação denominam como *agendamento midiático-esportivo* (FAUSTO NETO, 2002; MEZZAROBBA, MESSA, PIRES, 2011), ou seja, um modo de produção de cada veículo midiático, informando seus leitores/consumidores sobre temáticas cotidianas, mas também candentes, antecipando e dando visibilidade ao que se pretende colocar como pauta de notícias e mesmo de discussão no âmbito da sociedade.

⁴ Disponível em: <http://globotv.globo.com/sportv/rumo-a-londres/v/oscar-pistorius-quer-se-tornar-o-primeiro-paraatleta-a-participar-dos-jogos-olimpicos/1625545/> Acesso: 13 julho 2012.

Neste caso, apresentar ao público quem é Oscar Pistórius e toda problemática em relação à polêmica criada foi o que se propôs tal agendamento da *Globo.com* para o evento aqui citado, o Mundial de Atletismo de 2011. Inclusive, a primeira reportagem que coletamos e analisamos traz uma foto de Pistórius com suas próteses numa competição, conforme podemos visualizar na sequência.

Foto 01: Oscar Pistórius com suas próteses em ação



Fonte: <http://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/2011/08/cientista-afirma-que-pistorius-e-favorecido-por-conta-das-proteses.html>

No entanto o que percebemos neste *momento pré-evento* foi que os comentários ligados às relações tensivas que envolvem o processo de inclusão e segregação ficaram extremamente limitados e reduzidos a anunciar que Pistórius faria história no atletismo por ser o primeiro atleta a participar de uma competição mundial junto a atletas “sem deficiências” (não é utilizado o termo “normais”), como podemos constatar ao trazermos recortes das reportagens analisadas:

Oscar Pistórius fará história no mundial de atletismo em Deagu, tornando-se o primeiro corredor paraolímpico a disputar provas em uma grande competição com os principais velocistas do planeta Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/08/pauta-das-principais-noticias-da-afp-681.html> Acesso: 13 julho 2012.

(...) é a primeira vez que um atleta paraolímpico compete um mundial para atletas sem deficiência. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/2011/08/blade-runner-pistorious-arranca-classificacao-semis-dos-400m.html> Acesso: 13 julho 2012.

(...) o sul-africano Oscar Pistórius é o primeiro atleta paraolímpico que participa do mundial de atletismo. Disponível em: <http://g1.globo.com>

[/mundo/noticia/2011/08/pauta-de-infografia-estatica-322.html](http://mundo/noticia/2011/08/pauta-de-infografia-estatica-322.html) Acesso:
13 julho 2012.

As notícias veiculadas pelo *Portal Globo.com* se reduziram a informar o âmbito histórico (quase momentâneo) do acontecimento e em momento algum adentraram em questões mais amplas que discutissem a segregação e a inclusão da pessoa com deficiência no universo esportivo.

As análises que virão em seguida referem-se às reportagens publicadas no período do próprio Mundial e após o mesmo. Mesmo não tendo encontrado nenhum elemento que tratasse do âmbito da segregação/inclusão encontramos nas entrelinhas signos que nos remeteram a perceber que se estava “falando de um lugar” chamado paradesporto ou de um sujeito “diferente”. Neste sentido, percebemos que a utilização da palavra “superação” foi utilizada em um noticiário do programa “Corujão do Esporte” como vemos abaixo:

O programa de esportes, claro, não poderia deixar de fora a brasileira Fabiana Murer e sua inédita medalha de ouro no Campeonato Mundial em Daegu, na Coreia do Sul. A conquista verde e amarela será o gancho para outras duas reportagens sobre atletismo: uma matéria com curiosidades do torneio e a história de superação do sul-africano Oscar Pistorius, que corre com próteses nas duas pernas. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/novidades/esportes/noticia/2011/09/corujao-do-esporte-tem-fernanda-paes-leme-e-ronaldo-neste-dia-2.html>. Acesso: 13 julho 2012.

Interessante percebermos os modos como a mídia em geral (mas aqui em específico à reportagem acima selecionada) lida com o discurso da superação. Parte-se da ideia de que o deficiente chegou a uma posição de prestígio depois de passar por uma morte simbólica acarretada por alguma tragédia/acidente ou pela superação de uma condição de deficiência inerente a ele desde o nascimento. Pela posição de prestígio assumida eles passam a ser exemplo para todos.

Trazidos “a luz”, à exposição, os paratletas são considerados exemplos de superação e usufruem de algum reconhecimento social devido a todo seu empenho e sacrifício em se inserirem na sociedade por meio da prática de esportes adaptados – que em sua versão convencional encontra legitimidade justamente pelo ideário da sobrepujança. (GONÇALVES, ALBINO, VAZ, 2009, p.154).

Imbricado a esse discurso emergem outras vozes em que fica nítida a espetacularização do corpo deficiente no paradesporto na medida em que é criada e exaltada a *estética da anormalidade* oriunda da exposição dos mesmos. Aliada, como acima descrito, ao discurso da piedade e da superação.

Um episódio interessante aconteceu no Mundial/2011 com Pistórius, que suspende questões ligadas a representações simbólicas da pessoa deficiente nos jogos que envolvem as tramas da (in)exclusão.

O atleta participa como membro da equipe de revezamento 4x400, prova esta que consiste em 4 atletas que correm a distância de 400 metros carregando um bastão que ao final de cada 400 metros deve ser passado para outro atleta. Nas semifinais da prova, Pistórius é escalado para fazer parte da equipe junto com os outros 03 integrantes da equipe de revezamento. Ao final desta etapa a equipe sul-africana consegue o direito de avançar na competição e classifica-se para a final. Além disso, a equipe bate o recorde sul-africano na prova de revezamento, ou seja, nunca na história do atletismo sul-africano uma equipe formada por atletas nacionais corre o revezamento 4x400 com marca inferior à estabelecida por esta equipe.

Oscar Pistorius escreveu, nesta quinta-feira, mais uma página dourada na história do atletismo. Após ter conseguido chegar às semifinais dos 400m, o sul-africano, primeiro amputado a disputar um Mundial regular, ajudou o time da África do Sul a conseguir o terceiro tempo e se classificar para a final do revezamento 4x400 da competição que está sendo realizada em Daegu, Coreia do Sul. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/2011/09/com-pistorius-na-equipe-africa-do-sul-vai-final-do-revezamento-4x400.html> Acesso: 13 julho 2012.

No entanto, Pistórius não é escalado para correr a prova final do revezamento e, por decisão da comissão técnica de atletismo da África do Sul, o atleta amputado foi substituído, conforme fragmentos encontrados nas reportagens que analisamos:

Depois de fazer história ajudando a África do Sul a se classificar para a final do revezamento 4x400m, Oscar Pistorius teve, nesta sexta-feira, a decepção de ver seu nome fora do quarteto que brigará pela medalha de ouro em Daegu, na Coréia do Sul. Primeiro atleta amputado a participar de um Mundial de Atletismo, Pistorius será substituído, por decisão da comissão técnica. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/2011/09/apos-ajudar-na-classificacao-biamputado-fica-fora-de-final-em-daegu.html> Acesso: 13 julho 2012.

Na fase final do revezamento 4x400 a equipe sul-africana termina a competição em segundo lugar e tem direito então de subir ao pódio para receber a medalha de prata. No atletismo são distribuídas somente 04 medalhas para equipes de revezamento mesmo a regra permitindo um máximo de 06 participantes, pois 02 podem ser substituídos. Ou seja, mesmo que durante as fases preliminares e semifinais seja feito o uso de mais atletas – pois a regra permite que após haver iniciado a disputa de um revezamento, cada equipe poderá substituir, no máximo, 2 (dois) atletas para as séries subsequentes – são distribuídas somente 04 medalhas.

Dito isso, o que nos surpreende é que na ocasião do Mundial de Atletismo de Deagu foram distribuídas 05 medalhas, pois o atleta Oscar Pistorius também a recebeu. Isso caracteriza uma violação ao cumprimento da regra – o que não significa que sejamos contra a “homenagem”. Desta forma perguntamos: por que os atletas em situações “normais” (ou *sem deficiências*?) não são premiados com medalhas participando de equipes que antecedem a equipe que correrá a final? Por que a regra não é aplicada de igual forma a todos?

Mesmo sem disputar a final, por decisão da comissão técnica sul-africana, o atleta biamputado Oscar Pistorius se tornou o primeiro atleta paraolímpico a ganhar uma medalha em um Mundial, já que participou da semifinal da modalidade. Na semifinal da modalidade, Pistorius abriu o revezamento do país. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/2011/09/estados-unidos-leva-ouro-no-revezamento-4x400-em-daegu.html> Acesso: 13 julho 2012.

Oscar Pistorius conquistou uma medalha histórica sem correr a final dos 4x400. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/09/pauta-das-principais-noticias-da-afp-696.html> Acesso: 13 julho 2012.

No revezamento 4x400m, os Estados Unidos conquistaram o ouro. A equipe formada por Greg Nixon, Bershawn Jackson, Angelo Taylor e LaShaw Merritt conquistou a vitória com o tempo de 2m59s31. A prata ficou com a equipe da África do Sul, mas Oscar Pistorius não correu a final. O atleta de 24 anos que corre com próteses de fibra de carbono no lugar das pernas amputadas foi substituído por LJ Van Zyl, único sul-africano a correr mais rápido do que Pistorius neste ano. Embora não tenha disputado a final, Pistorius ganhará a medalha porque faz parte da equipe. Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/brasileiro-vai-disputar-final-da-prova-dos-200m-no-mundial-de-atletismo-2576337.html> Acesso: 13 julho 2012.

Aqui temos a impressão de que há uma má interpretação do que pode ser considerado uma postura inclusiva. Ao mesmo tempo em que se aceita e se respeita a diferença permitindo que Pistórius participe do mundial de atletismo – base fundante da inclusão – percebe-se o ranço histórico de “apontar para o diferente” como algo a ser exaltado. Quanto mais o corpo é desviado de uma norma/padrão, quanto mais “deformado” for este corpo, muito mais ele suscita a atenção social, e ao dar uma medalha extra percebemos que a “deficiência” foi novamente suspensa. Ou seja, o “diferente” em meio aos “iguais” foi tratado de modo diferente que os iguais seriam tratados.

Nesse caso de Pistórius acusamos que se enalteceu o estigma. Pois, os atributos que consideram um corpo como diferente – num sentido de valor e poder – são construídos socialmente e seus estereótipos são demarcados a partir desses significados. “Os estereótipos se fixam com predileções sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça”. (LE BRETON, 2009, p. 79).

Talvez nesse caso a sábia citação de Santos (2002, p. 48) poderia servir de norte para uma melhor postura no trato com Pistórius: “(...) as pessoas têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza”.

Outra situação que merece destaque no âmbito da análise inclusiva é a fala proferida por Pistórius em uma entrevista:

“Eu me sinto um atleta comum, me esforço como os outros para competir” Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/2011/08/oscar-pistorius-fica-fora-da-semifinal-na-prova-dos-400m-em-daegu.html> Acesso: 13 julho 2012.

Além desse dado da entrevista de Pistórius, outra passagem veiculada no *Portal Globo.com* nos inquieta, ao mesmo tempo em que suscita uma reflexão maior sobre as questões da deficiência, da inclusão ou mesmo da segregação em relação ao universo esportivo – e por que não da esfera do humano em geral? – sobre quebras paradigmáticas a partir de um evento presente (neste caso, de nosso “personagem” de pesquisa, Pistórius) que temos dificuldade em analisar a real dimensão de algo que parece estar

apenas lá, na pista atlética, circunscrita apenas ao campo esportivo. Referimo-nos a tal *redefinição do conceito de conquistas atléticas* que o fragmento abaixo, publicado no dia 28 de agosto de 2011:

A manhã deste domingo foi histórica para o atletismo: o sul-africano Oscar Pistorius, que teve as pernas amputadas e corre com próteses de fibra de carbono, fez sua estreia num campeonato mundial. **Redefinindo o conceito de conquistas atléticas** [grifo nosso], Pistorius marcou 45s39 diante de 10 mil espectadores e se classificou para a semifinal dos 400 metros no Mundial de Atletismo em Daegu, Coreia do Sul. Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/oscar-pistorius-faz-historia-se-classifica-para-semifinal-dos-400-metros-do-mundial-de-atletismo-2540847.html> Acesso: 13 julho 2012.

Tal situação ou acontecimento histórico nos remetem a um sem fim de interpretações de cunho político e epistemológico. Urge o pensar de outras possibilidades de cunho histórico no que tange os signos da deficiência, bem como dos signos que mediam os jogos tensivos da inclusão/segregação. Na ânsia de ampliarmos os modos de perceber o esporte e o paradesporto para além do que Pistórius nos oportunizou intuir trazemos ao texto uma reflexão de Galeffi (2012, p.24):

A pergunta pelo como fazer para que a inclusão do outro em sua diferença aconteça de forma imperativa, é a pergunta que desvela o modo de ser humano em seu contexto cultural e histórico. A cultura humana e sua historicidade é o foco da pergunta. O que descortina o modo de ser da exclusão. Em nome de que se exclui? Pela evolução da espécie? Exclui-se pela imperativa lei da seleção natural das espécies? Em nome de qual realidade a exclusão do diferente opera?

Nas notícias veiculadas pela *Globo.com*, das 24 encontradas (sendo 23 analisadas) visualizamos em sua totalidade as menções de que Oscar Pistórius é um sujeito híbrido – homem/máquina – na medida em que faz uso de próteses para correr. Das 17 (dezessete) fotos de Pistórius veiculadas pela *Globo.com*, em 14 (quatorze) delas Pistórius aparece de corpo inteiro, sendo que em 12 (doze) delas ele é visualizado correndo/competindo na pista de atletismo; as outras duas fotos mostram Pistórius descansando na pista e, pelo seu olhar, conferindo o painel de classificação/tempo, e na outra foto, Pistórius aparece sobre uma bicicleta, sem as próteses, conversando com uma mulher.

Com suas pernas metade humanas e metade artificiais, Oscar Pistorius fará história no Mundial de atletismo de Daegu, tornando-se o primeiro

corredor paraolímpico a disputar provas em uma grande competição com os principais velocistas do planeta. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/08/pauta-das-principais-noticias-da-afp-681.html> Acesso: 13 julho 2012.

O velocista sul-africano Oscar Pistorius, que corre com duas próteses no lugar das pernas amputadas (...). Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/08/pauta-das-principais-noticias-da-afp-685.html> Acesso: 13 julho 2012.

O atleta que corre com próteses de fibra de carbono no lugar das pernas amputadas. Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/federacao-de-atletismo-diz-que-pistorius-deve-correr-primeira-parte-do-revezamento-4x400m-no-mundial-2528948.html> Acesso: 13 julho 2012.

Esses dados podem ser interpretados a luz de Novaes (2009) ao mencionar que:

Como território de múltiplos significados e transgressões, este corpo – meio monstro, meio ciborgue – carrega o emblema hegemônico da diferença e desliza contemporaneamente entre as fronteiras de sua materialidade. Um corpo diferente, marcado, ao mesmo tempo, pela deficiência, pela performance e pela tecnologia. (NOVAES, 2009, p. 170-71)

É perceptível a intenção de apresentar ao leitor do *site* a “mistura” homem x máquina. O que consideramos bom na medida em que isso pode ser visto como um estímulo semiótico a pautar e mediar novos esquemas de percepção do híbrido, inclusive, ajudar a refutar certos entendimentos em relação à *pureza do esporte*.

Híbridos paraolímpicos, estes atletas ciborgues, possivelmente, são interpelados pelos objetos técnicos de tal forma que produzem e são produzidos por novos sentidos e significados. (NOVAES, 2009, p.172).

No entanto, a principal polêmica ao mediar os discursos do pertencimento e do não pertencimento no que se refere à participação de Pistórius em competições com os sujeitos “normais” (*sem deficiências*, como vimos analisando a construção narrativa do referido portal de notícias) está veiculado a possível vantagem que o mesmo teria – pelo uso de suas próteses – em “igualdade” de condições de competição frente a seus oponentes. Das 23 reportagens analisadas, 08 (oito) delas abordam a polêmica da possível

vantagem que Pistórius teria por utilizar próteses mecânicas, como podemos ver em algumas referências extraídas das reportagens:

De acordo com o cientista Ross Tucker, Pistorius garante 10 segundos de vantagem nos 400m por conta de suas próteses de fibra de carbono, que são utilizadas como suas pernas. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/2011/08/cientista-afirma-que-pistorius-e-favorecido-por-conta-das-proteses.html>. Acesso: 13 julho 2012.

O velocista sul-africano Oscar Pistorius, que corre com duas próteses no lugar das pernas amputadas, garantiu nesta sexta-feira, em Daegu, onde disputará os 400 metros no Mundial de Atletismo, que não tira vantagem disso (...). Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/08/pauta-das-principais-noticias-da-afp-685.html>. Acesso: 13 julho 2012.

A Associação das Federações Internacionais de Atletismo (Iaaf), no entanto, vetou, alegando que as próteses deixam o sul-africano com uma vantagem injusta em relação aos rivais. Agora, liberado, o sul-africano pretende fazer história em Daegu, mas garante que não terá qualquer privilégio. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/2011/08/blade-runner-do-mundial-pistorius-tenta-calar-criticos-nao-ha-vantagens.html>. Acesso: 13 julho 2012.

Antes do início do Mundial, a participação de Pistorius gerou polêmica entre atletas, que consideravam que sul-africano levaria vantagem por correr usando suas próteses. Sobre isso, Pistorius preferiu não se manifestar muito e deixou claro que quer estar no Brasil, país que admira, em 2016. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/2011/08/oscar-pistorius-fica-fora-da-semifinal-na-prova-dos-400m-em-daegu.html>. Acesso: 13 julho 2012.

Só conseguimos pensar em vantagens ou desvantagens na medida em que temos um pano de fundo de moralidade/ética que nos sugere a vantagem e a trapaça, bem como outros atributos ligados ao “certo” e ao “errado”. O desporto tem suas regras, suas normas, suas maneiras de permitir e proibir. Essas regras, por sua vez, implicam numa visão/concepção de ser humano e de mundo, que por consequência são atravessadas pela historicidade.

Os limites sob os quais a tecnologia fez transcender o humano colocou sob voga as formas de doping, por exemplo, no âmbito esportivo. E aí o doping fica a mercê da tecnologia e as resignificações precisam ser constantemente analisadas e revisitadas. O “problema” que visualizamos em Pistórius passa por essas reestruturações tecnológicas ligadas ao esporte. E então tal situação se confunde com um sem fim de outras questões que estão ligadas à tecnologia e o esporte: o uso de roupas que podem dar alguma vantagem, a mutação genética para criar um atleta com biótipos favoráveis a um

determinado esporte, as substâncias farmacológicas que permitem uma potencialização do corpo para além do que ele pode sucumbir naturalmente.

Sob este viés cremos que as biotecnologias que potencializam o corpo no âmbito da performance esportiva não estão em sintonia com os regulamentos que regem o esporte. E não acusamos isso só no âmbito do caso de Oscar Pistorius, mas de inúmeros outros casos que visualizamos a cada dia no esporte. De acordo com Camargo e Vaz (2012, p.142):

Seria interessante indagarmos-nos se não são anacrônicos o lugar que nosso corpo ocupa no mundo hoje e nossas expectativas sobre ele, ou mesmo se tal corpo já não está além de nossa própria capacidade de compreensão, inaugurando uma nova era de regime corporal.

Ao fim de sua participação individual na prova dos 400 metros rasos Oscar Pistorius deixa o recado de que veio para ficar. Mesmo não tendo obtido um bom resultado o atleta alega que esse lugar entre os “normais” agora também é dele e que quer ser reconhecido pelas suas marcas/tempos e não pela sua deficiência:

“Não fui tão rápido quanto eu queria ser, mas é fantástico estar aqui e correr. É uma experiência inacreditável. E eu voltarei.” Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/pistorius-eliminados-nas-semifinais-dos-400m-no-mundial-de-atletismo-2543802.html> Acesso: 13 julho 2012.

Por fim, no *período pós-evento*, que somaram 3 reportagens repercutindo a ‘*Polêmica Pistorius*’, vimos nas notícias produzidas e veiculadas pelo *Portal Globo.com* um misto de repercussão do acontecimento inédito no Mundial/2011. Nos textos, retoma-se novamente o ineditismo de Pistorius, ou seja, pela primeira vez um “atleta portador de necessidades especiais” competindo numa competição para “atletas sem deficiências”. Abordou-se também a possível vantagem que tal atleta teria ao competir com próteses mecânicas em relação aos demais atletas, bem como os riscos físicos aos outros atletas quando da sua participação em provas (pela questão do revezamento) – algumas dessas características podemos ver no fragmento abaixo, publicado no dia 15 de setembro de 2011, alguns dias após o Mundial/2011:

Com cinco medalhas em Paraolimpíadas, o sul-africano tornou-se o **primeiro amputado a ir ao pódio em um evento para quem não tem deficiência física [grifo nosso]** (...). No fim de agosto, se tornou o primeiro amputado a competir no Mundial de Atletismo, em Daegu, na

Coreia do Sul, com **atleta sem deficiência [grifo nosso]**. Não conseguiu disputar a final dos 400m, mas **fez histórias [grifo nosso]**. Se conseguir realizar seu sonho, **Pistorius será o primeiro velocista amputado da história a participar dos Jogos Olímpicos [grifo nosso]**. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/rumo-a-londres/noticia/2011/09/pistorius-sonha-se-tornar-primeiro-paratleta-disputar-uma-olimpiada.html> Acesso: 13 julho 2012.

Como podemos ver, Pistórius realmente fez e faz história: menos de um ano depois, foi o primeiro velocista amputado a competir dos Jogos Olímpicos, em Londres/2012. Ao mesmo tempo, logo após as Olimpíadas/2012, quando da realização dos Jogos Paraolímpicos, Pistórius teve uma atitude pouco pura para os valores esportivos, quando foi vencido na prova dos 200 metros pelo também biamputado, o brasileiro Alan Fonteles, alegando que a vitória deste só ocorreu porque suas próteses eram mais longas que o permitido, conferindo-lhe maior vantagem e por isso sua vitória.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um sujeito fadado à “incapacidade” figurando entre atletas que são vistos e anunciados como sendo o ápice da perfectibilidade humana em questões de rendimento – técnica, força e velocidade – só é possível graças a potencialização humana gerada pelas biotecnologias que oportunizam o corpo a realizar coisas das quais a sua própria estruturação biológica/natureza não seria capaz de oportunizar. Porém, será que as novas configurações humanas geradas por estas biotecnologias já encontram os esquemas de percepções a altura de seu tempo?

Como diria o sociólogo Pierre Bourdieu, temos, neste ilustrado exemplo tratado exaustivamente aqui no texto sobre Pistórius (e seu ineditismo, suas façanhas, suas polêmicas e contradições), mais um fato que se coloca como *questões obrigatórias* de nosso tempo, ou seja, são “aquelas que os homens cultivados de uma determinada época está de acordo em discutir mesmo discordando a respeito das questões que discutem.” (PAIVA, RON, 2003, p.59).

Nesta instigante possibilidade urge a necessidade de acompanharmos esta relação inaugurada por Oscar Pistórius. Como já citado anteriormente, neste ano o atleta sul-africano também participou dos Jogos Olímpicos de Londres, o que certamente gerou novos fatos explorados pelos meios de

comunicação de modo geral. Também pudemos observar nesta mesma olimpíada a participação da polonesa Natalia Partyka, que sem a mão e parte do braço direito fez história no tênis de mesa, proporcionando assim um vasto espaço para aprofundamento de discussões sobre este movimento de inserção de atletas deficientes.

A participação de “deficientes” em meio aos “normais” pode ser vista como mais uma ferramenta a contribuir com a construção da cultura e do *ethos* inclusivo. Para tal, a diferença precisa ser um dos mais nobres pilares para a convivência humana. O caráter aparentemente enigmático que Pistórius veio dar ao desporto ao misturar deficiência com a re/significação do humano com a máquina/tecnologia requer de nós muito mais que um simples “aceitar”. Requer uma abertura para a percepção de diferentes níveis de realidade e de diferentes níveis de percepção.

FABIO ZOBOLI

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

ANDRÉ MARSIGLIA QUARANTA

Mestre em Educação Física/UFSC. Professor da Rede Pública de Ensino do Estado de Sergipe (SEED/SE). Integrante do Grupo LaboMídia/UFS.

CRISTIANO MEZZAROBÀ

Licenciado em Educação Física e Ciências Sociais (UFSC). Mestre em Educação Física (UFSC). Professor do Departamento de Educação Física/CCBS/UFS. Coordenador LaboMídia/UFS.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A.C. “Oscar Pistórius – ‘The blade runner’ – e a questão do pós-humano”. **Revista Digital Hipertextus**, vol. 03, jun. Recife/PE. 2009.

CAMARGO, W.X.; VAZ, A.F. De humanos e pós-humanos – ponderações sobre o corpo *queer* na arena esportiva. In: COUTO, E.S.; GOELNER, S.V. (orgs) **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, p.119-144, 2012.

CARMO, A.A. Atividade motora adaptada e inclusão escolar: caminhos que não se cruzam. In RODRIGUES, D. **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**, p.51-62. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

COSTA, A.M.; SOUSA, S.B. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. p. 46-56. Campinas, v.25, n.3, maio de 2004.

FAUSTO NETO, A. O agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual. **Verso & Reverso Revista da Comunicação**, São Leopoldo: Unisinos, ano XVI, n. 34, p. 9-17, jan./jun. 2002.

FENSTERSEIFER, P.E. Corpo e linguagem. In: STREY, M.N.; CABEDA, S.T.L. (org.) **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.289-30, 2004.

FOREST, M.; PEARPOINT, J. **Inclusão: um panorama maior**. In: MANTOAN, M.T.E. A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon, p.137-41, 1997.

GALEFFI, D.A. Transdisciplinaridade e inclusão. In: SOUZA, V.R.M. *et al.* **Inclusão escolar e deficiência: utopia?** Aracaju: Criação, p. 23-40, 2012.

GOELLNER, S.V. A Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. **Motrivivência**, VII, nº 16, Março/2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/4966>. Acesso em 23/10/2011.

GOELLNER, S.V.; SILVA, A.L.S. **Biotecnologia e neoeugenia: olhares a partir do esporte e da cultura fitness**. In: COUTO, E.S.; GOELLNER, S.V. (orgs) O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, p.187-210, 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, G.C; ALBINO, B.S.; VAZ, A.F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Para-panamericano 2007. In: PIRES, G.L. (org.) **“Observando o Pan Rio/2007 na mídia”**. Florianópolis: Tribo da ilha, p.149-167, 2009.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 3d. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

MEZZAROBBA, C.; MESSA, F.; PIRES, G. De L.. Quadro teórico-conceitual de referência: megaeventos e o agendamento midiático-esportivo. In: PIRES, G. De L. (org.). **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil: registros de agendamento**

para 2014 na cobertura da midiática da Copa da África do Sul. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011, p.21-45.

MINAYO, M.C. de S. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NOVAES, V.S. A performance do Híbrido: corpo, deficiência e potencialização. *In*: COUTO, E.S; GOELLNER, S.V. **Corpos mutantes**: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, p.165-179, 2009.

PAIVA, F.S.L.; RON, O.O. Introdução – Parte II: A constituição do campo da Educação Física. *In*: BRACHT, V.; CRISORIO, R. (orgs.) **A Educação Física no Brasil e na Argentina**: identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Prosul, 2003, p.57-61.

SANTOS, B. de S. **Produzir para viver**: Os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2002

TEIXEIRA, D.V. A ética no discurso do jornal Zero hora sobre as mudanças climáticas. 98p. **Dissertação**. Rio Grande: UFRG. Programa de Pós-graduação da COPES, Rio Grande, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp075260.pdf>. Acesso em: 29/10/2011.

THOMPSON, J. **Ideologia e Cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRINDADE, A.L. da. Do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência. *In*: GARCIA, L.G. (org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, p.65-88, 2002.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2010.